

**MARIO  
PRATA**

**ENTREVISTA**

**UNS**

**BRASIL**

**EIROS**

I<sup>A</sup> EDIÇÃO



**EDITORA RECORD**

2015

# Sumário

Pedro Álvares Cabral	11
Içá-Mirim	21
Padre Anchieta	33
Bispo Sardinha	43
Arariboia	53
Calabar	65
Chico Rei	77
Aleijadinho	87
Xica da Silva	93
Dona Maria I, a Louca	107
Tiradentes	117
Dom João VI	127
Dom Pedro I	137
Maria Quitéria	149
Marquesa de Santos	159
Dona Beja	167
Madame Lynch	177
Carlos Gomes	187
Dom Casmurro	199
Castro Alves	209
Rui Barbosa	219
Charles Miller	229

## PREFÁCIO

O tempo presente e o tempo passado  
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro  
E o tempo futuro contido no tempo passado.  
Se todo tempo é eternamente presente  
Todo tempo é irredimível.  
O que poderia ter sido é uma abstração  
Que permanece, perpétua possibilidade,  
Num mundo apenas de especulação.  
O que poderia ter sido e o que foi  
Convergem para um só fim, que é sempre presente.

T.S. ELIOT, “BURNT NORTON”,  
TRADUÇÃO DE IVAN JUNQUEIRA

Este é um livro de ficção.  
Qualquer semelhança com pessoas  
vivas ou mortas terá sido uma  
enorme coincidência.

But it's all true...

# PEDRO ÁLVARES CABRAL, QUE JÁ VALEU MIL CRUZEIROS

\* BELMONTE, PORTUGAL, 1467 OU 1468 † SANTARÉM, PORTUGAL, 1520

Se você nasceu antes dos anos 1970 se lembra muito bem dele: o cabral. Um cabral valia mil cruzeiros. E lá estava a “foto” dele, qual Washington ou o Barão do Rio Branco. E na foto ele era um velho com uma barba branca e longa. Ledo engano.

Pedro Álvares Cabral tinha 32 anos quando descobriu o Brasil.

Virou nota de mil apesar de ter estado uma única vez no Brasil por onze dias. Entre 22 de abril e 2 de maio de 1500. E saibam que até hoje se discute em Lisboa por que deram a empreitada da descoberta àquele rapaz, que era apenas um fidalgo (filho de algo) da corte. Fofocas palacianas cogitaram que era pelo fato de ser casado com dona Isabel de Castro, cuja família tinha lá suas influências nos corredores palacianos. Mentira: Pedro e Isabel só se casariam em 1503, depois de ele ter enriquecido muito com uma viagem para a Índia naquele mesmo mês de maio. Contrabando puro e oficial, com o dinheiro dos portugueses, sem impostos e sem declaração. E mais: Isabel não era irmã de Inês de Castro, aquela que agora é morta. Um pouco de Google não faz mal a ninguém: “Inês de Castro é um episódio lírico-amoroso que simboliza a força e a veemência do amor em Portugal. O episódio ocupa as estâncias 118 a 135 do Canto III de *Os lusíadas* e relata o assassinato de Inês de Castro, em 1355, pelos ministros do rei D. Afonso IV de Borgonha, pai de D. Pedro, seu amante.” E este D. Pedro não era nem o I, nem o II e muito menos o Álvares Cabral.

Como não confiavam muito no nosso primeiro Pedro como navegador, mandaram junto vários craques da seleção portuguesa, como Alberto da Costa Pereira, Eusébio da Silva Pereira, Mário Coluna e Coentrão.

Nesta entrevista, mais do que exclusiva, ele fala do Descobrimento do Brasil, não explica direito por que viajava com treze barcos nem para que uma tripulação de 1.500 homens. Colombo, por exemplo, para descobrir toda a América usou apenas três cascas de nozes. Cabral fala de sua suposta relação com Paulo Salim Maluf, fala de Colombo e Américo Vespúcio (senti uma certa inveja por parte de Cabral), comenta o vinho tomado durante a viagem de 44 dias do Tejo à Bahia de Porto Seguro. E cochicha sobre nudez. Sussurra sobre homossexualismo.

— Afinal, seu Cabral, o Descobrimento do Brasil foi por acaso ou intencional?

— Ora, pois. Naquela manhã de 9 de março de 1500, lá no Restelo, às margens do Tejo, naquela festa toda que foi o embarque... Tu imaginas o que eram treze navios com 1.500 homens? Dos quais setecentos eram soldados bem-treinados.

— O senhor não respondeu à minha pergunta.

— Sim, sim. Pois naquela balbúrdia, pouco antes do embarque, dom Manuel I (que ainda não era chamado de primeiro porque não tinha o segundo, percebes?) me chama ao pé da nau e diz: “Ó Cabral, já mandamos esticar a linha do Tratado de Tordesilhas mais para a esquerda, de 100 para 370 léguas a oeste de Cabo Verde. Se Colombo, que era aquele parvo, chegou a Cuba antes até mesmo do Fidel, tu indo mais ao sul és capaz de encontrar terras, ouro, papagaios e jogadores de futebol. Mete lá a nossa bandeira e uma cruz, e manda cá de volta uma nave com

as novas, que, espero, alvissareiras. Depois segue para as Índias."

— Por que tanta gente? Se minhas contas não estiverem erradas, 1.500 pessoas eram três por cento da população da Lisboa.

— Exatamente. Dois motivos. Poderíamos encontrar hordas hostis (gostou do "hordas hostis") no novo mundo. E, principalmente, estávamos de olho numa cidade na Índia, Calecute, para deixar plantadas as sementes de cidades-colônias. Portugal, como sabes, queria as especiarias que os italianos, os árabes e os turcos estavam nos vendendo aos olhos da cara.

— Então, não foi sem querer. Vocês viajaram para descobrir o Brasil.

— Achar. Até hoje se comemora em Portugal o Achamento do Brasil. Quem procura sempre acha, conheces a expressão por aqui?

— Alguns historiadores reclamam do senhor e da sua trupe pelo fato de hoje os deputados, advogados e uns babacas usarem terno e gravata. Além dos pastores.

— Não estou a entender.

— Quando o senhor chegou, os índios estavam nus.

— Da cabeça aos pés.

E depois de uma pausa:

— E as raparigas também — diz ele mais baixinho.

— E vocês, vestidos. Com muitas roupas, botas, sapatos. Sujos e fedendo. Quarenta dias sem banho!

— Não estou a entender aonde queres chegar.

— Como já disse o Eduardo Bueno, em vez de vocês tirarem a roupa e ficarem todos nus, preferiram vestir os índios. Poderíamos ser hoje um país com roupas mais tropicais, mais leves e não tão europeizadas como somos. Faz muito calor no Brasil, seu Cabral. Principalmente na Bahia, onde o senhor ficou.

— Interessante. Não havia pensando sobre esse ponto de vista.

— Pois devia!

— Tu vês: demos roupas apenas para os homens. As mulheres continuaram peladas — sussurra Cabral e continua: — E vou te dizer mais: quando viram o avantajado sexo dos meus homens, se encantaram. Vários dos nossos se esconderam nas matas na hora de ir embora. Além de dois degredados que deixamos aqui. Lembro-me de já estar além das ondas, partindo para as Índias, quando alguns soldados pularam n'água e nadaram para a terra firme. Como disse um historiador português, “moças bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam”. — E dá um risinho quase infantil, faz longa pausa, como se estivesse se lembrando das indiazinhas. — Quer dizer que as brasileiras não continuam nuas?

Pensa no assunto.

— E, por falar em brasileiro de terno e gravata, qual é a sua relação com o senhor Paulo Salim Maluf?

— Desconheço. É um brasileiro nu ou vestido? Por que a pergunta?

— No seu túmulo, em Santarém, no altar da igreja tem uma placa de mármore, pesadíssima, onde se lê: “A Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, a homenagem de Paulo Salim Maluf.” Tá lá. Pode perguntar para a indiazinha Giulia Gam que estava comigo quando estive lá, na Igreja da Graça. Seu túmulo no chão e a placa no alto. Nunca ouviu falar dele?

— Desconheço a pessoa... Uma vez numa ilha do Caribe... Não, não era ele. Nunca ouvi falar em nenhum Maluf!



Jezio  
Junior

— Ok. Vamos falar sobre a sua ossada.

— Minha ou do senhor Maluf?

— Sua. Existem umas dúvidas, uma celeuma, sobre os seus ossos.

— O senhor prometeu não entrar na minha intimidade. Não quero falar dos meus ossos nem dos meus intestinos.

— Osso não é intimidade. O senhor faleceu em 1520, aos 52 anos. Seu corpo foi enterrado em Santarém. Seis anos depois, quando morreu sua senhora, a dona Isabel, exumaram o corpo do senhor e enterraram os dois na igreja da Graça, certo?

— Onde tem a placa do Mafuz.

— Maluf. Ainda não tinha. Então: enterraram vocês dois. Três séculos depois, em 1882, houve uma reforma, e mexeram no túmulo onde deveriam estar os restos mortais de duas pessoas, certo?

— Perfeitamente.

— Pois lá estavam as ossadas de duas mulheres e de um homem. E, junto, a ossada de um carneiro.

— O senhor está a brincar comigo! Ora, onde já se viu tamanho disparate! Um carneiro, esta é muito boa! No meu túmulo, junto a Bel!

— Está nos anais, senhor! Dizem que os túmulos podem ter sido remexidos durante a invasão de Napoleão no começo do século XIX.

— Não tenho mais nada a dizer! E o Bonaparte não teria interesse algum em mexer nos meus ossos. Se ainda fossem do João.

— Que João?

— O VI, o fugitivo! Dom João VI.

Cabral levanta-se, pega uma garrafa de vinho tinto Pera-Manca e serve duas taças. Então, continua.

— Não falemos mais do passado. Mesmo com essas baboseiras todas que estás a dizer, sou um bom anfitrião. Este vinho, o Pera-Manca, foi o usado pelos meus homens no achamento do Brasil.

— Agora sou eu que não acredito.

— Um dos navios era praticamente um grande tonel.

Rimos, brindamos e damos um bom gole no excelente vinho.

— Dizem que dos treze navios que partiram do Tejo só cinco voltaram depois de passar pelo Brasil e pelas Índias. E que o senhor levou fortunas. Da Índia.

— Estou a falar com jornalista ou com um fiscal do imposto de renda?

— E quanto à sua briga com o Américo Vespúcio e à inimizade com o Cristóvão Colombo?

— Olha, para encerrar, já que mencionaste os dois aldrabões. O italiano Vespúcio esteve um ano depois aqui numa viagem comandada por Gonçalo Coelho, em maio de 1501. E ele passou mais tempo aqui e pode dar muito mais informações do que o nosso querido Pero Vaz. Ele foi bem mais ao sul. Era filho de família muito rica, amigo dos Médici. Ele também aprontou em várias viagens nas quais começaram a chamar a nova terra de América. Se vivesse hoje seria um playboy metrosssexual. E o Colombo era outro italiano metido a engraçadinho. Dizem até que ele era português, porque à primeira ilha que descobriu deu o nome de Cuba, uma cidadezinha menor que Belmonte em Portugal. É tudo fofoca. Vespúcio e Colombo eram italianos. Queriam fama e poder! E o Colombo só pensava em grana. Sua expedição foi custeada pela coroa espanhola e pelos banqueiros.

— Como?

— Eu não disse nada.

— E homossexualismo entre os 1.500 homens? Existia? Além do Pero Vaz de Caminha, que levou dois adolescentes índios para Leiria, em Portugal?

— O Pero não levou ninguém! Mais uma taça? — pergunta, então sussurra: — O Pero era escritor, pois? Este pessoal das artes... Tem uns paneleiros, não é mesmo? Como escrevia bem! Mas, repito, não levou nenhum indiozinho, não! — Então, em tom normal: — Chegou a ler a cartinha dele?

— Adoro a parte dos índios conhecendo as galinhas.

— Ah, aquela passagem é supimpa! Naquela noite, lá na minha cabine, um dos índios viu um colar de ouro, pegou e apontou a terra firme, como a dizer que lá tinha muito ouro. Valeu a viagem, não é, pois? Mais Pera-Manca?

— É verdade que estavam todos bêbados quando descobriram o Brasil? Um navio inteiro só de vinho... 44 dias em alto-mar! Dizem que um navio se perdeu entre Cabo Verde e a Bahia. É verdade? Conta mais do Pero Vaz de Caminha com os indiozinhos. Como eles se chamavam?

Ele cora de vergonha. E de um pouco de raiva.

— Desliga a maquininha, por favor. Como chama mesmo? Gravador, pois? Dei dois tapinhas nas costas dele.

— E o senhor, comeu quantas índias?